

DAS MULHERES ESMERALDAS E DO VENTO QUE SOPRA SOBRE A TERRA

O acaso me fez conhecer dois dos melhores escritores contemporâneos, Loyola Brandão e Domingos Pellegrini Júnior. O Loyola Brandão foi convidado para uma palestra na faculdade de engenharia de Passos onde eu trabalhava e fui encarregado de pegá-lo no aeroporto de Franca e levá-lo de carro até Passos. Das conversas na viagem surgiu uma empatia que o levou a vir a meu convite palestrar em Franca (o que fará novamente na próxima quarta-feira à noite na Feira do Livro de Franca), comentar meus livros e prefaciá-los. Com ele aprendi muito, inclusive a técnica de coletar histórias reais para escrever crônicas e contos. Já com o Pellegrini Jr. foi diferente, nos falamos rapidamente no lançamento de um livro em São Paulo nos anos 70, mas nunca mais o encontrei pessoalmente. Não importa, sou fã de ambos, leio quase tudo que escrevem.

Também foi o acaso que fez com que os dois lançassem livros novos quase simultaneamente. Ignácio de Loyola Brandão, o araraquarense e Domingos Pellegrini Junior, o londrinense, colocaram nas prateleiras das cidades que ainda tem livrarias funcionando os romances *“Desta Terra Nada Vai Sobrar, a Não Ser o Vento Que Sopra Sobre Ela”* e *“Mulheres Esmeraldas”* respectivamente. Apesar de fã assumido dos dois, em Londrina não conhecia ninguém a não ser Arrigo Barnabé, então não foi possível arrumar quem se dispusesse a enfrentar uma fila de duas horas para conseguir um autógrafo no meu exemplar, como fez madrinha Fernanda Zuliani, que ficou todo esse tempo de pé em seu famoso salto alto no lançamento em Sampa. Loyola é mais velho que Pellegrini Jr., da geração de 1930, foi jornalista e um escritor que enfrentou a dureza da censura nos tempos da ditadura, mas nunca deixou de produzir e divulgar a literatura, é um autêntico caixeiro-viajante da arte, sempre fez palestras e conversas com seus leitores esparramados pelo país. Tenho o prazer e a honra de ter desfrutado de seu apoio e incentivo quando comecei a escrever, lá nos anos 70. Já contei noutras crônicas algumas histórias que vivemos juntos, inclusive o surpreendente caso do prefácio que fez para meu livro *“A noite EP”*.

Já o Domingos Pellegrini começou praticamente junto comigo, naqueles mapeamentos da editora Alfa-Ômega no final dos anos 70 (que publicou os livros *“Assim escrevem os Paulistas”* e *“Assim escrevem os Paranaenses”*). Dali pra frente, Pellegrini se destacou e se tornou referência nacional. Esteve em Franca, que eu saiba, uma única vez em um programa de leitura do governo do Estado, no IETC. Sei disso porque minha cunhada Biá, ainda adolescente, estava na sala de aula e perguntou-lhe se me conhecia, pois ela me achava *“o”* escritor. Obviamente, disse que não sabia quem era, o que acabou com a minha fama de escritor na família.

De qualquer modo, quem quiser ouvir boas histórias e ter contato com a literatura, está convidado a assistir a palestra do Loyola Brandão na Praça de Nossa Senhora da Conceição na próxima quarta-feira, 20 horas. Mas o número correto é 13, de cabo a rabo.

Mauro Ferreira é arquiteto.